



Percepção dos professores sobre o ensino da Sexualidade no Ensino Fundamental

Teachers perception of teaching Sexuality in Elementary School

Percepción de los docentes sobre la enseñanza de la Sexualidad en la Escuela Primaria

Mayulle Thalytha Marinho Lima¹

Queli Ghilardi Cancian²

Deisiane De Toni Alves³

Luis Castanheira⁴

Resumo: A abordagem do corpo humano e da Sexualidade no Ensino Fundamental, tanto nos Anos Iniciais quanto nos Anos finais, é um dos grandes desafios da Educação. Nessa direção, o presente estudo apresenta como objetivo a investigação e identificação da importância da orientação sexual dentro do currículo escolar e na prática docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida a partir da pesquisa de campo, documental e bibliográfica. Os resultados apontam que na abordagem da Sexualidade no Ensino Fundamental, as professoras reconhecem suas limitações e dificuldades acerca destes conteúdos, atribuídas à falta de preparo específico durante sua formação inicial e à ausência de formação continuada que contemple estas perspectivas. Ainda, embora sintam-se responsáveis por introduzir a temática, enfrentam desafios relacionados à falta de suporte teórico e prático, além dos tabus familiares e sociais, que se entrelaçam com a orientação tardia destes conteúdos na Base Nacional Comum Curricular.

Palavras-chave: Corpo humano e sexualidade. Ensino de Ciências. Formação reflexiva. Tabus sociais.

Abstract: The approach to the human body and sexuality in elementary school, both in the early and late years, is one of the greatest challenges in education. In this sense, the present study aims to investigate and identify the importance of sexual orientation within the school curriculum and in teaching practice. This is a qualitative, exploratory and descriptive study, developed based on field, documentary and bibliographic research. The results indicate that when approaching sexuality in elementary school, teachers recognize their limitations and difficulties regarding these contents, attributed to the lack of specific preparation during their initial training and the absence of continuing education that contemplates these perspectives. Furthermore, although they feel responsible for introducing the topic, they face challenges related to the lack of theoretical and practical support, in addition to family and social taboos, which are intertwined with the late orientation of these contents in the National Common Curricular Base.

Keywords: Human body and sexuality. Science teaching. Reflective training. Social taboos.

¹ Especialista em Educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). <https://orcid.org/0009-0000-1978-2362>. E-mail: lima.mayulle@gmail.com

² Doutoranda em Educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); e em Estudos Globais pelo Centro de Estudos Globais (GEG) Universidade Aberta (UAB), Portugal. <https://orcid.org/0000-0002-6135-1432>. E-mail: quelicancian@gmail.com

³ Mestranda em Educação em Ciências e Educação Matemática. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). <https://orcid.org/0009-0008-8113-8891>. E-mail: deisi200180@gmail.com

⁴ Doutor em Educação. Professor pelo Centro Transdisciplinar em Educação e Desenvolvimento (CITED) - Instituto Politécnico de Bragança (IPB), Portugal. <https://orcid.org/0000-0002-4921-2114>. E-mail: luiscastanheira@ipb.pt



Resumen: El abordaje del cuerpo humano y la Sexualidad en la Educación Primaria, tanto en los Años Iniciales como en los Años Finales, es uno de los grandes retos de la Educación. En esta dirección, el presente estudio pretende investigar e identificar la importancia de la orientación sexual dentro del currículo escolar y en la práctica docente. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter exploratorio y descriptivo, desarrollada a partir de la investigación de campo, documental y bibliográfica. Los resultados indican que al abordar la Sexualidad en la Educación Primaria, los profesores reconocen sus limitaciones y dificultades respecto a estos contenidos, atribuidas a la falta de preparación específica durante su formación inicial y a la ausencia de formación continua que contemple estas perspectivas. Además, aunque se sienten responsables de introducir el tema, enfrentan desafíos relacionados con la falta de apoyo teórico y práctico, además de tabúes familiares y sociales, que se entrelazan con la orientación tardía de estos contenidos en la Base Curricular Común Nacional.

Palabras-clave: Cuerpo humano y sexualidad. Enseñanza de las ciencias. Entrenamiento reflexivo. Tabúes sociales.

Submetido 03/10/2024

Aceito 24/01/2025

Publicado 14/02/2025

Introdução

A sexualidade acompanha os seres humanos desde os primórdios, com o termo ‘sexo’ sendo usado para diferenciar homens e mulheres. Fisiologicamente, está relacionado aos órgãos sexuais e à anatomia do corpo, definindo os seres humanos como macho ou fêmea. Já o termo ‘sexualidade’, conforme Boroto e Senatore (2019) apontam, trata-se de um conceito jovem, que surgiu apenas no século XIX, sendo utilizado para representar a qualidade e a significação do que é sexual, ampliando assim a ideia de sexo.

Na concepção de Freud, a sexualidade faz parte do dia a dia das pessoas desde o início da vida. Com o surgimento da psicanálise e as descobertas freudianas, esta passa a ser tratada com maior relevância na formação do psiquismo humano, ampliando os conceitos que se tinha até então (Boroto; Senatore, 2019). Conforme as autoras,

Freud causa certo impacto ao afirmar, em 1905, a existência e a presença da sexualidade desde a infância e também ao apontar a importância e o determinismo da sexualidade para a constituição do sujeito. Freud salienta a centralidade da sexualidade em aspectos do desenvolvimento humano (Boroto; Senatore, 2019, p. 4).

Ao se preocupar com a vida sexual das crianças, a psicanálise freudiana aponta a importância da sexualidade infantil no desenvolvimento do sujeito em suas ações futuras na vida adulta. Nessa direção o currículo da educação Infantil de 1998, aponta que:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas [...] a marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo (Brasil, 1998a, p. 17).

Segundo Sartori (2022, p. 9) “a sexualidade faz parte da experiência humana e a escola, neste cenário, tem um papel de relevância significativa na formação das pessoas, desde a construção do ser até a formação de conhecimentos”. Contudo, mesmo a partir do reconhecimento da necessidade da discussão sobre o corpo humano e a sexualidade nos espaços escolares, o contexto cultural brasileiro abre espaço para a criação de mitos e tabus, banalizando o processo educacional.

Para Souza *et al.* (2021), a importância de se discutir a implantação da temática no âmbito escolar, está além das redes de ensino, possivelmente, ocasionada pelas dificuldades apresentadas pelos professores em abordar questões relacionadas à crenças, valores e opiniões intrínsecas e subjetivas pessoais constituídas por cada ser humano.

Assim, discutir a sexualidade no contexto escolar deve contemplar mais do que as dimensões biológicas e a reprodução humana, abrangendo também, as dimensões psicológicas e socioculturais. Nessa relação, o professor deve assumir um posicionamento, ético e de respeito às diferenças, sem imposições e crenças pessoais, assumindo o papel de mediador na construção do conhecimento, rumo a aprendizagem autônoma, reflexiva, consciente e significativa do aluno.

Partindo do questionamento de como é abordada a sexualidade no ensino fundamental, este estudo busca apresentar a abordagem sobre corpo humano e sexualidade nos espaços escolares, a partir da percepção dos professores, orientado pelo objetivo de investigação e identificação da importância da orientação sexual dentro do currículo escolar e na prática docente. Se justifica por meio da mediação e vivências do dia a dia do aluno e professor, em que o processo de crescimento dos primeiros evidencia sua curiosidade acerca deste conteúdo, o que exige uma formação que prepare os últimos para este momento.

Metodologia

Para a construção da pesquisa, foram seguidas três modalidades de investigação, sendo: a pesquisa de campo, a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica. A primeira se caracterizou pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, de caráter exploratória descritiva, que conforme Sampieri, Collado e Lucio (2013), considera a edificação dos dados, que antecedem os estudos descritivos e correlacionais, construídos a partir das diferentes modalidades de investigação. Neste contexto, a proposta da pesquisa descritiva, é registrar e correlacionar os dados de um estudo, sem manipulação, considerando as propriedades, características e relações existentes na realidade do grupo pesquisado (Cervo; Bervian; Silva, 2007).

Esta foi realizada por meio de questionários estruturados desenvolvidos pelas próprias pesquisadoras, com questões abertas e fechadas, direcionados aos estudantes do curso de Pós-graduação *Lato sensu* do Ensino de Ciências e Matemática, em que buscou-se coletar dados sobre a experiências dos participantes em relação ao tema. A aplicação ocorreu via

questionários do *Google Forms*, no mês de novembro de 2022, não sendo nenhum dado pessoal coletado, preservando assim, o anonimato dos participantes.

Destaca-se que a presente pesquisa se trata de uma extensão de uma pesquisa maior, desenvolvida pelos membros do grupo de pesquisa Formação de Professores de Ciências e Matemática (Fopecim), que se caracteriza no processo de investigação-ação das práticas pedagógicas na formação de professores, aprovada pelo comitê de ética da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), sob o parecer de aprovação n.º 5.161.165.

A pesquisa documental se desenvolveu pautada nos pressupostos do eixo temático “a abordagem sobre gênero e sexualidade nos espaços escolares dos anos iniciais do ensino fundamental” proposto pelos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e análise dos conteúdos do ensino de Ciências, eixo “Evolução e vida”, apresentados na Base Comum Curricular Nacional (BNCC) (Brasil, 1998b; 2018).

Na pesquisa bibliográfica, buscou-se contemplar reflexões sobre as questões do desenvolvimento sexual, também como amparo do profissional ao explicar o tema, a partir da exploração de publicações científicas disponíveis nas bases de dados do *Google scholar* e na base de dados da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), dados elencados a partir do descritor “Corpo humano e sexualidade no Ensino Fundamental”.

Após a coleta de dados, os mesmos foram organizados, codificados e tabulados. Considerando a natureza das questões descritivas, optou-se pela codificação por codinomes, descritas como: Joana, Maria, Marta, Rebeca, Nathalia e Luisa.

Para análise dos dados, optou-se pelo método de análise de conteúdo de Bardin (2016). Segundo a autora, o método visa o “conhecimento de variáveis de ordem psicológicas, sociológicas, históricas, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares” (Bardin, 2016, p. 44). Para apresentação dos dados quantitativos, optou-se pela análise estatística simples, constituída pela frequência, média e porcentagem, apresentada de forma descritiva, assim como gráficos e tabela.

Sexualidade na escola: estimas e desafios na formação da criança e do adolescente

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelecido por meio da Lei n.º 8069/1990, em seu Artº. 2, considera criança, “a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e

adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade, podendo, em casos expressos em lei, aplicar-se, excepcionalmente, às pessoas entre 18 e 21 anos de idade” (Brasil, 1990).

Diante desses parâmetros, Peloso, Carvalho e Higarashi (2008), mencionam que esta etapa da vida é marcada por dúvidas, angústias e questionamentos, em que o indivíduo começa a definir sua vida, sua profissão e sua sexualidade, incluindo aqui a identidade de gênero.

Segundo Meneghetti (2016), a família é o principal agente na formação do adolescente, transmitindo valores éticos e morais essenciais para a convivência social, incluindo a educação sexual. No entanto, muitos pais enfrentam dificuldades em abordar o tema, seja pela falta de conhecimento ou pelos tabus ainda presentes, o que acaba por transferir essa responsabilidade exclusivamente para a escola.

De acordo com os PCNs, a partir de 1997, a Educação Sexual passou a ser contemplada de forma mais sistemática no ambiente escolar, por meio dos temas transversais orientados para o Ensino Fundamental, com um tema específico, nominado “Orientação Sexual”, destacando que

A escola, ao definir o trabalho com orientação sexual como uma de suas competências, o incluirá no seu projeto educativo. Isso implica uma definição dos princípios que deverão nortear o trabalho de orientação sexual e sua clara explicitação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos alunos. Esses princípios determinarão desde a postura diante das questões relacionadas à sexualidade e suas manifestações na escola até a escolha de conteúdo a serem trabalhados junto aos alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho (Brasil, 1997, p. 299).

Segundo Costa (2021), a abordagem da educação em saúde nas escolas, principalmente no que tange à educação sexual, demanda muito conhecimento por parte do educador, lembrando que esta se distingue daquela encontrada pelo educando no ambiente familiar, buscando considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde (Brasil, 1998b).

Para Nogueira *et al.* (2016) os estabelecimentos de ensino brasileiro se esforçam para que seus planejamentos pedagógicos pensem sobre sexualidade. Entretanto, no que diz respeito às aulas de Educação Sexual, sugerem que sejam ministradas por meio de metodologias participativas e dialógicas, baseadas na realidade sociocultural do educando, inventada de forma criativa, intimista e lúdica. Desse modo, o material de apoio é o ato de ligação entre as

palavras e a realidade efetiva do estudante, com função de ajudá-lo a pensar, permitindo o desenvolvimento de sua imaginação e sua capacidade de estabelecer coerências.

A partir da exploração e análise da BNCC sobre a temática corpo humano e sexualidade, percebe-se um discreto apontamento na competência sete do documento, direcionada a “Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza e às suas tecnologias”, o que não explicita de forma clara a conduta e abordagem da temática (Brasil, 2018, p. 326).

Ainda nessa análise, observa-se que tanto nos conteúdos quanto nas habilidades, o tema deixa de ser mencionado tanto nos anos iniciais do ensino fundamental quanto nos finais, sendo tardiamente apresentado apenas a partir do 8º ano, no eixo Vida e Evolução, no conteúdo Mecanismos reprodutivos e Sexualidade, com finalidades e habilidades a serem desenvolvidas conforme apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - A abordagem da sexualidade na BNCC

Disciplina	Ano	Eixo	Conteúdo	Habilidades
Ciências	8º	Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos Sexualidade	(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.
Ciências	8º	Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos Sexualidade	(EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).
Ciências	8º	Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos Sexualidade	(EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.
Ciências	8º	Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos Sexualidade	(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética).

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p. 348 a 349)

Considera-se que esta abordagem tardia vai de encontro com o processo de maturação sexual, mencionado inclusive pelo Ministério da Saúde, que aponta os estágios de maturação sexual, embasado pelas pranchas de *Tanner*, em que uma escala utilizada para avaliar o desenvolvimento puberal de meninas e meninos, aponta o desenvolvimento normal inicial da puberdade: nas primeiras, por volta dos oito aos 13 anos, no qual ocorrem alterações mamárias e o crescimento de pelos pubianos, e nos últimos, por volta dos nove aos 14 anos, havendo alterações no volume testicular e também o crescimento dos pelos pubianos. Ou seja, crianças de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, podem necessitar de informações adequadas nesse momento em que enfrentam as mudanças corporais, e sem o conhecimento necessário, os desafios da fase puberal podem ser maiores.

Não podemos deixar de mencionar, a possibilidade da puberdade precoce, que

se refere ao desenvolvimento de características sexuais secundárias antes dos oito anos, no sexo feminino, ou antes, dos nove anos de idade, no sexo masculino, sendo classificada como puberdade precoce central quando as características sexuais se desenvolvem por ativação precoce do eixo hipotálamo-hipófise-gonadal (HHG). Considerada uma condição rara, sua incidência é comumente relatada em torno de 1:5.000 a 1:10.000, sendo mais frequente no sexo feminino em uma proporção de 3 a 23 meninas: 1 menino, com o diagnóstico baseado no exame físico, exames laboratoriais e de imagem (Brasil, 2022, p. 8).

Ainda, outro fator relevante, é o abuso sexual. As discussões nesse período ajudam as crianças a conhecerem situações e dialogar sobre o assunto, possibilitando a identificação de casos, de modo respeitoso e humano, a fim de fazer os devidos encaminhamentos aos órgãos responsáveis.

Para além, o estudo da sexualidade inclui conceitos que estão naturalmente relacionados com questões de gênero, o foco nos papéis sociais de homens e mulheres, nos estereótipos e preconceitos na relação entre ambos, além de controvérsias relacionadas a doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e orientação sexual na sociedade (Devide *et al.*, 2011; Souza *et al.*, 2021). Nesse contexto, toda a comunidade escolar deve ser e estar preparada para atender tais demandas, tratando com naturalidade estes assuntos, eliminando preconceitos e tabus sociais.

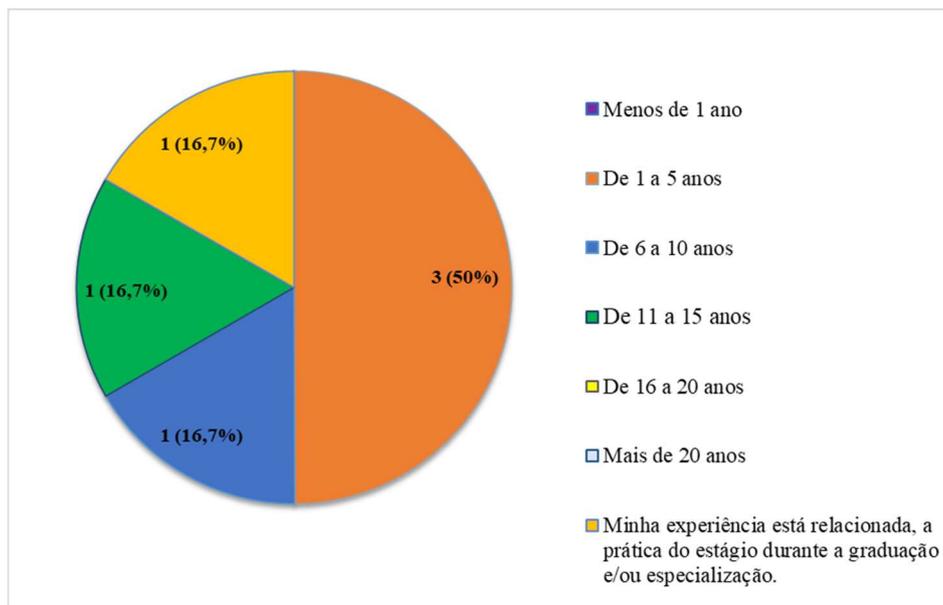
Resultados e Discussões

Considerando o desenvolvimento da pesquisa, os participantes responderam um questionário tipo *survey*, composto por duas seções, uma com questões sociodemográficas e outra relacionada à sua percepção sobre a prática de sala de aula, considerando o tema Corpo humano e sexualidade no Ensino fundamental, totalizando 15 questões, abertas e fechadas. A turma investigada possuía no momento da coleta 13 estudantes ativos. No entanto, participaram da pesquisa seis estudantes, correspondente a uma média de 45,15%. Todas declararam-se do sexo feminino, com idade mínima de 25 e a máxima de 36 anos. Destas, três tem ao menos um filho(a), e três, não tem nenhum filho(a).

A formação é a base na preparação dos futuros professores, nessa direção perguntamos às participantes seu curso de formação, em que três apontaram serem graduadas em Pedagogia, e três em outras licenciaturas, entre elas Matemática e Biologia.

O tempo de experiência é parte fundamental na construção da percepção, constituída pela vivência e pelos desafios da sala de aula. Assim, questionamos quantos anos de experiência as docentes possuíam, dados apresentados no Gráfico 1, por frequência e porcentagem.

Gráfico 1- Experiência profissional dos participantes

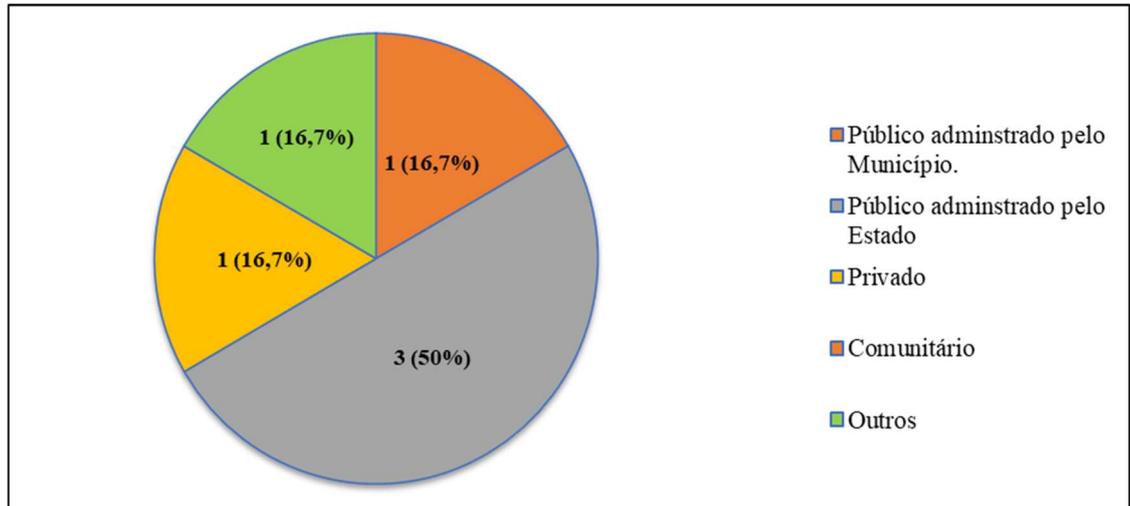


Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A maioria das participantes, possuem mais de um ano e menos de cinco anos de experiência, uma possui de seis a dez anos, uma de 11 a 15 anos, e uma não possui nenhuma experiência de sala de aula, apenas a experiência vivenciada durante a prática de estágio durante a graduação e/ou especialização.

Outro fator determinante na formação da percepção do docente é a localização regional em que a escola de atuação se encontra, visto que a realidade de cada espaço escolar se difere conforme os diferentes fatores, como cultura e condições socioeconômicas da sociedade local. Nessa direção, perguntamos em qual região da sua cidade desenvolvem o ofício da docência e/ou o estágio? Em resposta, quatro disseram que atuam em escolas na região periférica, e duas em escolas na região central e nenhuma em escolas rurais. Em complemento, perguntamos se a instituição de Ensino a qual a participante trabalha e/ou desenvolveu o estágio é de domínio público, privado, comunitário ou outros. Estes dados são apresentados no Gráfico 2, por frequência e porcentagem.

Gráfico 2 - Domínio de direito do ambiente de trabalho



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Considerando o domínio de direito do ambiente de trabalho dos participantes, três (50%) disseram trabalham em instituições administradas pelo estado, sendo uma atuante no Ensino Médio e nos Anos Finais do Ensino Fundamental, e duas nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Uma declarou trabalhar em uma instituição privada, nos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental; uma participante atua em uma instituição pública Municipal, e uma em instituição de caráter público comunitário.

O ensino da sexualidade no Ensino Fundamental na percepção das participantes

A Formação docente orientada para a abordagem da sexualidade no âmbito escolar, viabiliza o desenvolvimento crítico da criança e/ou adolescente sobre o seu “eu” individual. Nessa direção, questionamos se em suas práticas docentes e/ou estágio dentro do ensino fundamental, há ou houve algum espaço destinado para a abordagem da orientação sexual em sala de aula ou espaço escolar. Em resposta, três (50%), disseram que sim, e outras três (50%), disseram que não. Em complemento a questão anterior, perguntamos como os participantes avaliam a abordagem da Orientação Sexual, se ela não existe e como deveria ocorrer:

[...] temos o PSE - o pessoal da UBS vem até a nossa escola, com uma equipe, separa os meninos e meninas, criam um ambiente confortável, deixando eles a vontade para questionar (Joana).

[...] essa abordagem poderia acontecer em duas formas. No primeiro momento, o professor expõe conhecimentos pertinentes a idade dos alunos. Posterior a isso, em outros momentos, as crianças poderiam ter acesso a um professor disponível para tirar dúvidas a respeito, como se fosse um professor orientador (Maria).

[...] a abordagem é trabalhada nos conteúdos do Sistema Reprodutor do 8º ano. O currículo acaba por não trazer essa temática, entretanto, é muito comum que os alunos tenham curiosidade sobre o assunto, sendo necessário realizar uma fala (superficial/profunda) para abordar a questão de sexualidade e/ou gênero. Mas costumo realizar a abordagem dessa temática, de acordo com as expectativas e curiosidades dos educandos (Marta).

[...] acredito que a orientação sexual principalmente em alguns alunos é a única forma de orientação correta, acredito que ela deveria ocorrer com palestras com enfermeiras, médicos e afins (Rebeca).

[...] de forma didática, auxiliando os alunos a compreenderem seu corpo (Nathalia).

[...] de maneira informativa (Luisa).

Mediante isso, compreende-se que o conteúdo não é apresentado como parte do currículo formal, mas sim como um assunto abordado pelas educadoras de maneira simples e superficial, como forma de atender às expectativas dos educandos, considerando sua idade e curiosidades. Nesse contexto, os jogos lúdicos podem ser introduzidos, tornando a abordagem mais leve, introduzindo o assunto de forma acessível e compreensível. Assim, à medida que as crianças crescem e se desenvolvem, espera-se que essas discussões evoluam e se aprofundem,

acompanhando seu amadurecimento intelectual e emocional. É importante ressaltar que a maneira como os assuntos são apresentados em sala de aula pode variar de acordo com a faixa etária, as diretrizes educacionais e as políticas da instituição de ensino. O objetivo principal é fornecer informações relevantes conforme o nível de desenvolvimento dos alunos, promovendo um ambiente seguro e inclusivo para a aprendizagem (Barros, 2019; Castro *et al.*, 2022; Faria *et al.*, 2023).

Para Crivelari (2007):

As crianças, apesar de terem uma visão muito limitada da sexualidade, precisam ser instruídas sobre o assunto para que o seu desenvolvimento seja o mais natural e saudável. Ensinos seguros e livres de preconceito acerca da sexualidade, desde cedo, são fundamentais para que as crianças, na adolescência, e na vida adulta, possam tomar atitudes e decisões mais responsáveis no que diz respeito à sua própria conduta sexual, podendo se prevenir de sérias consequências de atos relacionados à sexualidade (Crivelari, 2007, p. 70).

Discutir a sexualidade na escola representa, acima de tudo, uma decisão responsável na formação crítica, reflexiva e humana dos estudantes. Nessa direção, perguntamos se como professoras, elas acreditam na importância e relevância do tema transversal Orientação Sexual em sala de aula. Assim, estas apontaram que:

[...] com certeza...Pois com a vida corrida de pais e responsáveis é notório que não se fala nesses assuntos (Joana).

[...] sim, acredito ser importante. Orientar auxilia a prevenir e diminuir casos de abuso sexual, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce (Maria).

[...] acredito que há a necessidade de trabalhar a temática. A atual geração de adolescentes acaba tendo acesso a muitas informações devido as mídias sociais e muitas vezes eles não conseguem lidar com isso. Dessa forma, por mais que defendam alguma bandeira em específico, percebo que eles se baseiam somente no empirismo. Acho necessário trabalhar de forma científica e apresentar como é que a ciência vem trabalhando tais fatos. A partir disso, TALVEZ, conseguirão tomar suas decisões com maior convicção. Em outros casos, nos quais o indivíduo já tem muito bem delimitada a questão da sexualidade e/ou gênero, é importante que se trabalhe com a turma, sobre a questão da aceitação e até mesmo do indivíduo que irá encontrar diversas opiniões divergentes da sua ao longo da sua trajetória. Ambos os casos, o acesso à informação permitirá que o indivíduo construa e fortaleça o seu "eu" interior (Marta).

[...]sim (Rebeca).

[...] *acredito que a educação sexual é função da escola para orientar os alunos a compreenderem as mudanças ocorridas em seu corpo (Nathalia).*
[...] *sim (Luisa).*

Nesse caminho, as respostas deixam claro que é necessário explorar o assunto, com objetivo de orientar acerca das mudanças que ocorrem no corpo dos estudantes, o que as participantes compreendem que por vezes não acontece, devido às dinâmicas familiares. Ressalta-se ainda como na atualidade o modo como os jovens adolescentes recebem informações acerca desta temática de forma abruptada, sem diálogo e aprofundamento científico.

Segundo Gonçalves, Paes e Favorito (2018), muitos professores se limitam a desenvolver a abordagem da temática apenas quando instigados pelos alunos, por meio de perguntas e curiosidades que se apresentam no dia a dia escolar. No entanto, destaca-se que esta deve ser organizada de modo formal, consistente e sistemático.

Ao considerar as diferentes formas que a abordagem da sexualidade no ambiente escolar pode ser apresentada, perguntou-se aos participantes qual seria a forma de abordagem adotada pela instituição de ensino em que desenvolvem suas atividades laborais, cujos dados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Abordagem no ambiente escolar

De que forma a instituição de Ensino a qual você trabalha ou fez o estágio aborda (ou) a temática?	Freq.	Porc.
Como um assunto importante e necessário para a constituição dos sujeitos, visto que a sexualidade é parte inerente do ser humano desde o nascimento até a morte.	4	66,7%
Acredita ser um tema delicado, pois carrega consigo muitos tabus e crenças de ordem familiar, religiosa, etc.	2	33,3%
Um assunto irrelevante ao conteúdo escolar, pois não agrega nenhum conhecimento específico.	0	0,0%
Trata o assunto como um tema proibido de ser debatido em público.	0	0,0%
Total	6	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Conforme aos dados, duas das seis participantes apontam que a instituição aborda a temática com base na afirmação “Acredita ser um tema delicado, pois carrega consigo muitos

tabus e crenças de ordem familiar, religiosa etc.”. E as outras quatro, que representam 66% da amostra, apontam que a temática é abordada “Como um assunto importante e necessário para a constituição dos sujeitos, visto que a sexualidade é parte inerente do ser humano desde o nascimento até a morte”. O que se percebe na narrativa das participantes, com base na justificativa das respostas, é que tal afirmativa representa seu entendimento sobre a temática, que não representa propriamente a conduta da instituição. Mediante isso, constata-se que a postura adotada pelas maiorias das instituições, as quais as participantes possuem vínculo, embora reconheçam a importância da temática na construção humana, preferem não abordar o tema, a fim de evitar embates com a comunidade escolar, por não serem aparadas pela BNCC.

Os PCNs, no direcionamento da orientação sexual, apontam que:

A escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa. Isso porque na relação professor-aluno o professor ocupa lugar de maior poder, constituindo-se em referência muito importante para o aluno (Brasil, 1998b, p. 302).

Contudo, a BNCC apresenta um retrocesso ao abandonar as orientações acima apresentadas pelos PCNs, visto que orienta de forma específica somente no 8º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, na disciplina de Ciências, a abordagem dos conteúdos relacionados com o corpo humano e a sexualidade no ambiente escolar. Nessa direção, perguntamos às participantes, como compreendem essa alteração curricular nacional, a partir da sua percepção subjetiva, em que estas explicitaram:

[...] quando se nota meninas e meninos se tornando mãe e pais aos 11 anos, é o momento de se repensar. [...] essas pontuações deveriam ser levadas em conta para pessoas que estão em sala de aula, que estão envolvidas com esse público (Joana).

[...] acredito que a temática poderia ser trabalhada antes do 8º ano no sentido do respeito à diversidade. E não propriamente dito sobre a questão biológica e/ou psicológica que envolve os indivíduos. A partir do momento que se trabalha o respeito, os próprios indivíduos que estão passando pelo conflito de gênero e/ou da sexualidade, teria abertura para vir falar com o professor ou qualquer outra pessoa que confiem, para conseguirem ajuda para lidar com seus conflitos internos (Maria).

[...] crianças estão expostas a muitos conteúdos de cunho sexual, em idades precoce e muitas vezes não existe abertura familiar para conversar e muito

menos orientações, o que muitas vezes o aciona em gravidez precoce e DST (Marta).

[...] essa temática deve ser abordada na escola em todos os níveis escolares dando seu diálogo de acordo com as necessidades da escola (Rebeca).

Com base na questão anterior, em que se destacou a retirada da temática na BNCC, e considerando a importância dela, em especial nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, perguntamos às participantes, como desenvolvem ou irão desenvolver suas atividades acerca destes assuntos. Os dados resultantes são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Formas de abordagem da instituição de trabalho

Como docente, você irá:	Freq.	Porc.
Continuar abordando o assunto em sala de aula, ainda nos Anos Iniciais.	3	50 %
Aproveitará a mudança curricular e não abordará mais o assunto dentro de sala de aula, pois o considera delicado e de difícil acesso para ser conversado com crianças	1	16,7%
Não abordará o tema em sala de aula, pois considera que é um assunto de responsabilidade das famílias e somente a elas cabe conversar e orientar a criança sob sua responsabilidade, não cabendo ao professor este papel.	1	16,7%
Nunca abordou e não pretende abordar, portanto, a mudança não interfere em sua prática pedagógica.	1	16,7%
Total	6	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Observa-se que a maioria das participantes entende a importância da abordagem da temática no ambiente escolar, e que mesmo com as mudanças apresentadas nos documentos oficiais, não deixaram de cumprir seu papel na formação e informação das crianças, assumindo sua responsabilidade educacional. Em continuidade à questão, solicitamos que as participantes justificassem sua resposta com base na sua percepção subjetiva. Em resposta, apontaram que:

[...]abordar a temática relacionando ao respeito à diversidade (Maria).

[...]apesar de compreender a importância da orientação sexual, sinto que não tenho bagagem suficiente para orientar os alunos (Marta).

[...]acredito que devemos respeitar o documento, no entanto assuntos importantes sempre devem ser expostos na sala de aula que é um lugar de construção de conhecimentos (Rebeca).

[...] importante o debate, visando o respeito (Nathalia).

Para as participantes da pesquisa, ficou claro que o tema precisa ser abordado em sala de aula, de forma estruturada, como fonte de informação e disseminação do conhecimento. Considerando os tabus sociais, a participante *Joana* relembra um momento de embate ocorrido na educação básica do município de Cascavel, pontuando que “[...] em nosso município, há 4 anos atrás, passamos por isso, a professora abordou o assunto que consta no currículo...os pais não gostaram da abordagem [...] ela foi retirada da sala de aula”. A fala da participante demonstra que a temática deve ser debatida não só no ambiente escolar com as crianças e adolescentes, mas na comunidade escolar como um todo, envolvendo a família no processo educacional, promovendo a informação e a conscientização.

Garcia (2003 p. 47), ao defender a disseminação do conhecimento, pondera que:

[...] as informações se constituem num acréscimo ou transmissão de conhecimentos que não serão necessariamente internalizados pelos indivíduos. Ao contrário, afirma o autor, que quando propiciamos reflexões e crescimento que resultem em mudanças de atitudes, estaremos, assim, educando.

Questionamos as participantes em relação a sua formação educacional, considerando o suporte teórico e prático para a abordagem sobre Orientação Sexual na Escola. Em resposta, cinco das participantes disseram que em nenhum momento em suas formações receberam orientações e/ou suporte para a abordagem e apenas uma, afirmou que durante sua formação recebeu orientações referente ao tema.

Ao ponderar a formação inicial na graduação, lembrando que três das participantes possuem formação em Pedagogia e uma em Biologia, e o suporte teórico e prático para fazer a abordagem da sexualidade na escola, *Joana* aponta que é “[...] necessário estudar mais o assunto, ter argumentos que sejam ponderados por todos os lados”. Para *Marta, Rebeca e Nathalia* a formação inicial foi insuficiente, ao deixar de fazer a preparação para a abordagem de tais conteúdos em sala de aula. *Luiza* pondera que muitas “[...] vezes não sabemos se estamos abordando de forma correta”. O apontamento feito por *Luiza* é a realidade de muitos

professores, ocasionada tanto pela falta de formação inicial quanto continuada, além dos estigmas e tabus sobre o assunto.

Um dos grandes tabus da atualidade é a orientação de gênero, contudo, o objetivo da orientação sexual na escola é a informação pautada nos princípios educacionais, preparando o estudante para se tornar um cidadão crítico e reflexivo. Considerando essa discussão, perguntamos às participantes, se no contexto atual de formação dos professores, em sua percepção, estes profissionais estão preparados para realizar a abordagem de forma que não interfiram na orientação sexual do aluno. Em resposta, quatro apontaram que não e duas que sim. Solicitamos ainda que comentassem sua resposta com base na sua percepção subjetiva. Assim, apontaram que:

[...] Vejo que as crianças são inocentes... Muitos já demonstram que a orientação deles é diferente, mas o colega não percebe (Joana).

[...] Eles não estão preparados, porque falta conhecimento aos professores. Eles são mais propensos a expor suas crenças e tabus aos alunos. A formação e a preparação dos professores são necessárias (Maria).

[...] Eu também não acho. Principalmente devido à rápida mudança de conceitos, é preciso que tanto os novos professores quanto os que já estão atuando procurem se embasar para realizar um discurso sobre esse assunto (Marta).

[...] Acredito que nas relações, principalmente em relação ao estagiário, o professor sempre terá um papel de interferência na visão da vida (Rebeca).

[...] Acredito que como a formação não contempla essas abordagens, o professor não pode abordar o assunto apenas com os saberes da formação, é preciso se especializar (Nathalia).

Por meio das observações e interações diárias com as crianças, as professoras desenvolvem uma percepção sobre sua orientação, muitas vezes já visível desde a infância, como menciona *Joana*. De maneira geral, as participantes destacam o despreparo dos professores, evidenciando a insegurança ao abordar o tema devido às constantes mudanças nos conceitos orientativos e aos tabus presentes tanto nas concepções dos próprios docentes quanto na sociedade.

Sendo a sexualidade um tema de difícil abordagem, perguntamos às participantes como a temática deveria ser abordada nas últimas séries do Ensino Fundamental, Anos Iniciais. Em resposta, as participantes destacaram:

Discurso simples, ampliando as conversas à medida que demonstram interesse em perguntar (Joana).

Deve ser feito a partir dos saberes e dúvidas que as crianças trazem (Maria). Ressaltando a importância do respeito ao próprio corpo e ao espaço do outro (Marta).

Acredito que deva ser feito de forma didática que ajude os alunos a entender as mudanças que ocorrem em seus corpos (Nathalia).

Mesmo compreendendo a importância da abordagem da sexualidade no ambiente escolar, as docentes não possuem uma visão clara de como desenvolver a abordagem. Os pontos positivos destacados pelas participantes se embasaram na ampliação do diálogo, na valorização da cultura e dos valores familiares, ressaltando a importância do respeito ao seu corpo e o do outro, de forma didática, possibilitando que as crianças se compreendam em sua totalidade.

Nesse caminho, é importante que os professores compreendam que

[...] as crianças expressam a sexualidade através das brincadeiras, dos modos como se relacionam com seus pares, através das conversas, dos questionamentos, dos desenhos, das formas como dançam e dos modos de pensar e agir construídos no contato com diferentes instâncias como a família, a escola, as religiões e com diferentes pedagogias culturais como as músicas, os filmes, as novelas, os anúncios publicitários, os sites da internet, os programas de televisão e rádio, as revistas, dentre outros que produzem os corpos infantis e neles inscrevem marcas e identidades, posicionando-os nos múltiplos contextos sociais (Oliveira, 2010, p. 9).

Além disso, Mizunuma (2017) destaca que a abordagem da sexualidade pode ser facilitada pela literatura, em que esta atua como facilitadora do processo de ensino e aprendizado, sendo um recurso importante para que se possibilite atingir os objetivos da Educação Sexual.

Diante dos resultados apresentados, compreende-se que estes vão ao encontro do que Marques (2008, p. 6, grifos do autor) destaca, quando ao desenvolver uma pesquisa com professores a fim de investigar o discurso e as práticas pedagógicas sobre a orientação sexual, em sua análise aponta que ao se referirem sobre o corpo e às questões direcionadas à sexualidade, os discursos foram predominantemente biológicos, “vinculando a sexualidade ao discurso da família-reprodução e da criança inocente e assexuada. Tal discurso científico é dito, “autorizado” nas práticas pedagógicas das professoras [...]”.

De todo modo, ressalta-se que “é importante lembrar que, quando não se fala de sexualidade, ou seja, quando se opta por não trabalhá-la, no espaço da escola, [...] o silêncio é

também uma forma de educar. Com ele, os alunos aprendem que este é um assunto tabu” (Figueiró, 2009, p.168).

Conclusão

Os dados da pesquisa apontam que os profissionais da educação participantes, mesmo achando o tema Sexualidade de extrema importância, não se sentem preparados para abordá-lo, argumentando que este não foi contemplado em sua formação, ou que ainda o percebem como um assunto envolto em tabus tanto na escola quanto na sociedade.

As mudanças nos documentos orientadores da educação brasileira, prejudicaram a abordagem da temática, especialmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ao orientar sua introdução tardiamente, apenas no 8º ano. Tal abordagem desconsidera as mudanças biológicas da puberdade, que muitas vezes começam ainda nos Anos Iniciais, expondo os estudantes à falta de informações sobre seus corpos e sobre as mudanças que decorrem naturalmente desse processo. Além disso, a família, frequentemente, não consegue dialogar sobre o tema, transferindo essa responsabilidade para a escola.

É fundamental o conhecimento sobre esses temas, pois permite que crianças e adolescentes se autoconheçam, além de ajudá-los a identificar situações de abuso e violência sexual, entre outras questões, e reconhecer a necessidade de buscar ajuda ou intervenção de setores fora do âmbito educacional.

Outros pontos destacaram-se, além da precariedade nas bases da formação inicial, como a pouca e/ou inexistência da formação continuada, apresentada como uma das principais queixas das participantes, pontuando a falta de formação que forneça ferramentas e oriente de forma adequada como desenvolverem a abordagem da temática no ambiente escolar.

Para além, considera-se que a abordagem da Sexualidade deve se estender além dos muros escolares, por meio de ações organizadas, que estimulem não só a formação do estudante, mas da própria família. Para isso, pode-se desenvolver palestras formativas, atividades orientativas e lúdicas que, conduzidas por uma equipe multiprofissional, formada por professores, assistentes sociais e profissionais da área da saúde, podem contribuir para a superação de tabus, promoção do diálogo aberto e fortalecimento de uma Educação Sexual mais inclusiva e consciente.

Por fim, considera-se que para se alcançar uma educação formal e adequada, que atenda às necessidades educacionais dos estudantes, uma reestruturação deve acontecer, partindo dos

documentos orientadores da educação, seguida pela formação inicial e continuada dos professores, não só do Ensino de Ciências, mas como de todos os profissionais que atuam no ambiente escolar.

Referências

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, M. G. F. B. **Utilização de jogos didáticos como ferramenta facilitadora na abordagem de temas relacionados à educação sexual**. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/24546/DISSERTACAO-Marcia-Graminho-Fonseca-Braz-e-Barros.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 set. 2023.

BOROTO, I. G.; SENATORE, R. C. M. A sexualidade infantil em destaque: algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp.2, p. 1339–1356, 2019.

BRASIL. **Lei Federal nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Brasília: Portal do Planalto, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª séries: orientação sexual**. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12640-parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>. Acesso em: 5 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª séries: orientação sexual**. Brasília, DF, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series>. Acesso em: 5 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, v.2. Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.



BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Conjunta nº 13, de 27 de julho de 2022. **Protocolo Clínico e Diretrizes terapêuticas da Puberdade precoce central**. Brasília: Secretaria de Atenção especializada à Saúde, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/protocolos/20220308_portaria-conjunta-no-13-pcdt-puberdade-precoce-central-1.pdf. Acesso em: 5 mai. 2023.

CASTRO, O. et al. Sexualidade no âmbito escolar: ações lúdicas no processo de educação sexual. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista - ENCITEC**, Santo Ângelo, v. 12, n. 3, p. 176-190, dez. 2022.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA, L. J. S. **Educação sexual no ambiente escolar**. Dissertação (Mestrado em Ensino), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/52150/4/TCM%20-%20Lucas%20%28vers%c3%a3o%20final%29%20LJSC%2012-08.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

CRIVELARI, M. **Trabalhar a sexualidade**: guia prático para professores de ensino fundamental. São Paulo: Editora Lua, 2007.

DEVIDE, F. P. *et al.* Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1, p. 93-103, jan./mar. 2011.

FARIA, I. *et al.* Elaboração de um jogo didático para o conteúdo sexualidade no ensino fundamental II. **Revista Ensaios Pioneiros**, Bragança Paulista, Online, v. 6, n. 1, 2023.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Sexualidade e afetividade**: implicações no processo de formação do educando. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). Educação sexual: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009. p. 187-208.

GARCIA, A. M. **A orientação sexual na escola**: como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

GONÇALVES, R. C.; PAES, D. C.; FAVORITO, A. P. Educação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental: O que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? **Multi-Science Journal**, Urutaí, v. 1, n. 3, p. 69 - 78, 2018.

MARQUES, M. R. X. **O Corpo Humano na escola**: Discursos e práticas pedagógicas das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MENEGHETTI, V. **Dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação de ações de educação sexual**. Dissertação (Mestrado em Ciências, Linguagens, Tecnologias e Cultura). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2016.



MIZUNUMA, S. **Educação científica no ensino fundamental I: a questão da educação sexual.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa- PR, 2017.

NOGUEIRA, N. S. *et al.* Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **HOLOS**, Natal, vol. 3, p. 319-327, 2016.

OLIVEIRA, L. dos S. **Falar sobre “sexo” é proibido professora?:** problematizando entendimentos de sexualidade com crianças dos anos iniciais. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

PELLOSO, S. M.; CARVALHO, M. D. B.; HIGARASHI, I. H. Sexualidade e gênero: um estudo com adolescentes em um município de pequeno porte no Noroeste do Paraná. **Acta Scientiarum Health Sciences**, Maringá, v. 30, n. 2, p. 113-119, 2008.

SAMPIERI, R. COLLADO, C. F. LUCIO, M. del. P. B. **Metodologia de pesquisa.** 5.ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SARTORI, T. L. Análise da educação brasileira em face ao estudo da sexualidade: marginalização da educação sexual na BNCC. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 23, n. 00, p. e022001, 2022.

SOUZA, L. da T. *et al.* **Temas contemporâneos transversais:** gênero e sexualidade nas aulas de educação física. Repositório Universitário da Anima (RUNA). p. 01-10, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/21318>. Acesso em: 20 jun. 2023.